

Ensino de Literatura e Teoria Literária: amores difíceis

Mayara Regina Pereira Dau*

RESUMO: *O presente artigo questiona o ensino de Literatura pelo viés da formação de leitores literários. Reflete se o conteúdo estudado nas aulas de Literatura despertam o interesse dos jovens para a leitura dos livros ou os afastam. O texto tem por objetivo discutir a presença da Teoria Literária nas aulas de Literatura das escolas. Esse trabalho é resultado de meu interesse pelo tema de formação de jovens leitores e das discussões e leituras realizadas na disciplina de "Tópicos de Teoria Literária - Século XX e XXI" do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.*

PALAVRAS-CHAVE: *Formação de leitores; Ensino; Teoria Literária.*

ABSTRACT: *This Article questions the teaching of Literature by bias in the formation of literary readers. Reflects whether the content studied in classes of the discipline of Literature pique the interest of young people for the reading of books or differ? The work aims to discuss the presence of Literary Theory in classes of Literature in schools. This work is a result of my interest in the training of young players and the discussions and readings in the discipline of "Topics of Literary Theory - 20th Century and 21st century" of the graduate Program, Masters Degree in Letters from the Federal University of Great Dourados - UFGD.*

KEYWORDS: *Training of readers; Education; Literary Theory.*

INTRODUÇÃO

A discussão sobre a formação de leitores, para alguns, se mostra exaustiva, enquanto que, para outros, o assunto está cada vez mais abrindo possibilidades de reflexão e tornando-se mais necessário. No entanto, quanto mais se fala nesse assunto, mais sentimos a necessidade de continuar falando. Afinal, se o nosso objeto de estudo é a Literatura, não podemos estudá-la sem

**Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 11 – Número 23 –2015.
p.88-110.**

lembrar dos leitores, que são os responsáveis por sua existência e permanência.

Entretanto, muitos não veem relevância nessas reflexões e preferem “se fechar” dentro das universidades e negligenciar o assunto; acham mais importante “mergulhar” dentro de suas teorias de análise do objeto literário (o que é de grande relevância) do que sair das cátedras acadêmicas para voltar seu olhar àquele jovem que está nos bancos escolares e não vê nada de interessante nas aulas de Literatura. Grande parte dos alunos não se interessam pela leitura de uma obra literária; prefere ficar na internet ou fazendo qualquer outra atividade que não seja a leitura¹.

Portanto, esse artigo tem por objetivo discutir o ensino da Literatura que se apresenta focado em biografia de autores, escolas literárias e proporciona poucos momentos dos jovens com o objeto de estudo da disciplina: a obra literária. Além disso, será tratada a presença da teoria literária nessas aulas e da relevância da mesma para a formação de um leitor literário.

TEORIZANDO O ENSINO DA LITERATURA

A discussão sobre o ensino de Literatura é algo recorrente e de extrema importância nos dias de hoje. É possível perceber

¹A respeito desse assunto, foi realizada uma pesquisa, juntamente com minha orientadora Profa. Dra. Alexandra Santos Pinheiro no ano de 2009, em escolas públicas da cidade de Dourados - MS, a fim de verificar as práticas de leitura de jovens estudantes do Ensino Médio. O artigo intitula-se “Práticas de leitura entre alunos do terceiro ano do Ensino Médio: um estudo de caso”, o qual pode ser conferido na Revista *Pesquisas em Discurso Pedagógico* n. 1 de 2010, da PUC- Rio.

um descaso cada vez maior com essa disciplina, seja por parte dos alunos, professores, seja por parte dos governantes.

Vários são os responsáveis apontados pelas aulas “desinteressantes” de Literatura. Alguns direcionam a responsabilidade para os alunos que, como se costuma dizer, não se interessam; outros apontam para o Livro Didático e muitos “jogam” toda a “culpa” nos ombros dos sobrecarrega dos professores. Repetem discursos do senso comum: se as aulas estão desmotivantes é porque o professor é desmotivado; se os alunos não gostam de ler é porque os professores também não são leitores. Sabemos que essa discussão vai muito além desses fatos. Se o professor apresenta essas falhas, não podemos deixar de olhar para sua trajetória acadêmica. Geralmente, o perfil dos estudantes que se formam nas licenciaturas, é formado por pessoas trabalhadoras, que devem conciliar estudo e trabalho, além de dificuldades financeiras e dispõem de pouco tempo para a leitura de obras literárias. O pouco tempo que lhes resta é dedicado à leitura de teorias, sendo insuficientes os raros momentos de contato com seu objeto de estudo: a Literatura.

Assim, é importante que façamos o seguinte questionamento antes de repetir discursos do senso comum: como cobrar de um professor que ele forme leitores se ele nunca foi formado por ninguém? Isso sem mencionar diversas outras dificuldades, como baixa valorização do professor, baixos

salários e tantos outros que estamos habituados a ouvir. Por parte de alguns alunos, infelizmente, a importância dada às aulas de Literatura está atrelada aos vestibulares. Para os jovens, se essa disciplina deixar de existir no vestibular ela não terá mais motivo para ser estudada, sendo que essas aulas deveriam ser vistas pelos alunos como um momento prazeroso, de fruição e reflexão de sua condição humana, de formação de um ser pensante e crítico na sociedade. Além de tudo isso, depois de formados, os professores chegam às salas de aula e se deparam com o PPP (Projeto Político-Pedagógico) da escola e os conteúdos que devem ensinar a seus alunos. Nesse quadro, o Livro Didático aparece como uma salvação, porque o professor não sabe o que fazer e como colocar em prática tudo o que aprendeu na faculdade, toda a teoria estudada. Então, essa ferramenta educacional se apresenta como um importante auxílio para os professores que têm seu trabalho facilitado, acompanhando os conteúdos que o livro traz, seguindo até mesmo a cronologia que ele apresenta. Como esses livros, geralmente, também já trazem trechos de obras literárias e atividades relacionadas a esses textos, alguns professores acham isso o bastante e se acomodam com esse apoio. A intenção aqui não é renegar o LD, pois ele realmente é um importante apoio para o professor, mas não deve ser o único instrumento de ensino utilizado nas aulas. O professor pode utilizá-lo partindo das ricas informações que esses livros trazem, considerando que são

informações condensadas, pois sabemos que não é possível tratar de tudo sobre a Literatura em um só livro. Então, é interessante partir desses livros e trazer outros recursos para a sala de aula, não se limitar a discutir os textos com base somente nas propostas trazidas pelo LD. O professor pode criar, inventar, ampliar essas discussões e deixar que seus alunos falem mais, ao invés de somente se limitarem a responder os exercícios do livro, que pouco levam esses alunos a refletirem sobre a obra literária estudada.

Acreditamos que nem seja necessário trazer algum LD para exemplificar aqui o que acabamos de comentar. Basta nos recordamos de como eram os nossos LDs quando estudávamos, como eram essas aulas. Estamos certos de que logo virá à sua cabeça aquelas escolas literárias: Modernismo, Classicismo, tantos “ismos”... Ou seja, a preocupação maior dos professores era (e parece que continua sendo) a de que seus alunos decorassem datas de nascimento e morte de autores consagrados, características de escolas literárias, nomes das principais obras dos principais autores, reservando um pequeno espaço para trechos de obras literárias.

Neste contexto, os alunos raramente têm contato com a própria obra, e quando se pede a leitura integral de um livro (geralmente se exige), ocorre somente com o objetivo de posteriores atividades avaliativas. Ou seja, “o que quase todos

aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal” (ABREU, 2006, p. 19). Quando o que deveria ocorrer é o contrário. As aulas de Literatura ficariam mais interessantes se a metodologia utilizada fosse o contrário do que normalmente ocorre, partindo inicialmente da leitura da obra literária deixando as considerações sobre a biografia do autor ou contexto histórico em que foi escrito para depois, e isso deve ocorrer somente se a própria obra necessitar dessas informações para fazer sentido. As considerações sobre biografia ou contexto histórico da obra só se mostram relevantes desde que a obra “peça” isso. Que, para torná-la significativa, sejam “necessárias” essas informações. Mas não se deve justificar a existência de uma obra pela biografia do autor.

Partindo da leitura da obra, surgirão diversas interpretações, pois todo leitor realiza um esforço para ressignificar o texto em sua época. Ele se depara com informações novas, compara com as que sua experiência já lhe proporcionou e assim vai sobrepondo os “obstáculos” que a leitura apresenta, dando origem a novos significados. O leitor terá uma atitude de “estranhamento” diante do novo e, assim, vai concretizando sua leitura no momento em que vai preenchendo os espaços vazios do texto (INGARDEN, 1979). Por esse motivo, não é imprescindível que o professor explicita aos alunos

quem foi o autor ou a época em que ele viveu. Como disse anteriormente, isso só deve ser feito se a própria obra orientar para essa interpretação.

Paul Ricoeur descreve esse percurso como um dos objetivos da hermenêutica:

[...] “Apropriar-se” do que antes era “estranho” permanece o objetivo último de toda hermenêutica. A interpretação no seu último estágio quer igualizar, tornar contemporâneo, assimilar, no sentido de tornar semelhante. Este objetivo consegue-se na medida em que a interpretação atualiza a significação do texto para o leitor presente (RICOEUR, 1987, p. 103).

O texto está aberto para os diversos sentidos possíveis. Isso não quer dizer que os alunos farão interpretações sem limites, forçando sentidos no texto. A obra literária é capaz de limitar os sentidos possíveis, seja pela organização formal de sua estrutura, seja pela intencionalidade do autor na pré-figuração, como se pode verificar nos conceitos de leitor e autor implícito postulados por Ingarden, ambos da Teoria Fenomenológica da literatura.(INGARDEN, 1979).

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses *meios* de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim* [...] (TODOROV, 2009, p. 31).

Essa discussão nos remete à “Estética da Recepção” que tem suas origens na Fenomenologia da literatura e trata do prazer

estético que a leitura proporciona quando conceitua a *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. Ao mesmo tempo que esses conceitos foram postulados há muito tempo, ainda nos são muito contemporâneos no sentido que se mostram como um caminho interessante para a formação de um leitor literário. O jovem leitor será “fisgado” pela leitura quando passar a realizar uma comunicação com a obra literária.

O texto é mudo. Entre o texto e o leitor, estabelece-se uma relação assimétrica na qual apenas um dos parceiros fala pelos dois. O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. Por conseguinte, compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o teto em que o evento inicial se objectivou (RICOEUR, 1987, p. 87).

Essa comunicação se dá através da *poiesis*, pois nesse momento, o leitor se torna coautor da obra literária, trazendo-a para seu mundo e o texto necessitando de sua leitura para que a obra ressignifique. Há também a *aisthesis* que é o prazer do reconhecimento que se dá através do estranhamento por parte do leitor e, a partir disso, surge uma visão renovada do sentido. Além desses dois há a *katharsis*, que, cremos, ser o momento de prazer estético que mais atrai os jovens para a leitura, mesmo sabendo que esses três conceitos do prazer estético não devem ser vistos hierarquicamente, mas complementando-se. Assim a *katharsis* se define pela conduta de prazer do leitor que se identifica com a obra ou com os personagens “liberando”

desejos reprimidos, vivendo outras vidas, praticando ações impensadas na realidade (JAUSS, 2002).

Em síntese, a conduta do prazer estético realiza-se por meio de três funções:

[...] para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*poiesis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa quanto da interna (*aisthesis*); e por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela anuência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas (JAUSS, 2002, p. 102).

Entretanto, a prática de deixar a obra literária em um segundo plano não é exclusiva das escolas. Muitas vezes isso se repete nas universidades que formam professores de Literatura. Em meio a tantas teorias, alguns professores universitários optam em utilizar a que mais lhe causa simpatia e não apresenta outras. Os acadêmicos se formam acreditando que existem só umas duas ou três teorias. As análises realizadas em sala de aula também são feitas levando em consideração elementos externos ao texto, como a biografia de autores, entre outros. Ou seja, para alguns professores, é mais “cômodo” repetir essa prática que já está arraigada nos alunos desde a escola que perpetua essas práticas. Desconstruir tudo isso, partir da obra literária para depois apresentar as teorias que podem contribuir para um sentido maior da obra, deixar que a própria obra literária oriente as interpretações é um tanto trabalhoso. Mudar esse hábito, fazer o

inverso do que vem sendo feito, não parece ser a prática de muitos professores. Afinal, esse é um “problema” que já se arrasta desde o ensino fundamental e médio. E quando esses alunos chegam as universidades com diversas lacunas, o que escutam, na maioria das vezes, é que a universidade não tem obrigação de “consertar” esses “defeitos” que a escola não sanou.

[...] A teoria acomodou-se e não é mais o que era: está aí assim como todos os séculos literários estão aí, como todas as especialidades convivem na universidade, cada um em seu lugar. Encontra-se compartimentada, inofensiva, espera os estudantes à hora certa, sem outro intercâmbio com outras especialidades nem com o mundo a não ser por intermédio desses estudantes que vagueiam de uma disciplina a outra [...] (COMPAGNON, 2001. p. 14).

Assim, professores e alunos se acomodam e repetem as práticas mais “fáceis”, não procurando fazer um diálogo com outras áreas. Perpetuando aquele ensino compartimentado, em que cada disciplina fica isolada na sua área de conhecimento e não se interessa em dialogar, em fazer interdisciplinaridade com outras áreas de conhecimento que serviria para engrandecer os estudos da Literatura e suas análises da obra literária.

Retomando a discussão em torno do ensino de Literatura nas escolas, as teorias literárias se mostram como importantes para despertar a atenção dos jovens pela leitura. O que mais se pratica nessas aulas, é interpretar o texto com base em elementos exteriores à obra literária. Explica-se o texto pela vida do autor,

pelos acontecimentos da época. São recorrentes análises de leitura feitas com base em elementos que estão fora do texto. Ou seja, a obra só terá alguma beleza se puder ser analisada a partir de elementos transcendententes e não imanentes à própria obra. Isso é muito comum nas escolas, os professores não conseguem (é não é por incompetência deles) discutir uma obra literária com os alunos partindo inicialmente de peculiaridades da própria obra, para depois partir para elementos “de fora” se a obra assim o necessitar. Há um paradoxo nesta prática, “você explica pelo contexto um objeto que lhe interessa precisamente porque escapa a esse contexto e sobrevive a ele” (COMPAGNON, 2001, p. 22).

Sabemos que existem muitas teorias literárias, como as imanentes e as transcendententes, além das imanentes/transcendententes. Não é possível utilizar todas em sala de aula, mesmo porque o professor não consegue apreender todas durante sua formação. Mas é muito importante as noções básicas de algumas teorias para que se possa orientar a leitura desses jovens em sala de aula e tentar captar os diversos significados que a obra pode oferecer para mostrar-lhes a natureza e funcionalidade do objeto literário. Ou seja, com o olhar de algumas teorias imanentes como o Formalismo Russo (Viktor Chklovsky, Boris Tomashevsky) ou a Análise linguística (Sausurre, Émile Benveniste), é possível perceber a “literariedade” de uma obra, suas peculiaridades, o que ela tem

de único, o que é mais perceptível durante a leitura. Também pode-se contar com as teorias transcendentais que são “aquelas que valorizam os elementos externos à obra, os que não pertencem à literariedade [...]” (PAULA, 2009, p. 6), como a Crítica pós-colonial e a Crítica feminista.

Além dessas, podemos contar com as teorias de linha imanentes/transcendentais. Pode-se dizer que essas teorias pretendem abarcar as duas abordagens, partindo dos elementos internos da obra e após essa análise, perceber a orientação que esses elementos imanentes dão para fora da obra. Temos, nesse grupo, teorias como a da Estética da Recepção (Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss) e o Desconstrutivismo (Jacques Derrida, Michel Foucault, Paul de Man). Há uma grande quantidade de teorias. Consideramos o levantamento dos professores Franken e Blume, que realizaram a divisão de cinquenta teorias em três grandes grupos: imanentes, transcendentais e imanentes/transcendentais (PAULA, 2009).

Como se vê, existem muitas teorias, muitas abordagens. Como a obra literária é um todo complexo não é possível abordá-la por inteiro, por isso os teóricos buscam voltar seu olhar para alguns elementos e não para todos: “O texto enquanto todo e enquanto totalidade singular pode comparar-se a um objeto que é possível ver a partir de vários lados, mas nunca de todos os lados ao mesmo tempo” (RICOEUR, 1987, p. 89).

Por esse motivo, há os que se interessam mais pela estrutura da obra, outros pela linguagem, ou pelas discussões sociais que a leitura pode acarretar. Isso não quer dizer que os teóricos de linha imanente não estudem elementos exteriores à obra ou que os transcendentais não se interessem pelos elementos internos da mesma. São apenas escolhas de abordagem, já que é muito difícil a análise do todo de uma obra. Esse é o esforço dos teóricos de linha imanente/transcendente que tentam conciliar as duas abordagens, e parece se mostrar como a forma mais coerente.

Então chegamos a um ponto importante dessa discussão. Como existem tantas teorias, o que fazer? Utilizar todas essas teorias para analisar uma obra com os jovens? Ou escolher a que mais agrada e utilizá-la para análise de todas as obras que trabalhar em sala de aula?

Compreendemos que são diversas as teorias, com diversas abordagens diferentes, além disso, sabemos do pouco tempo que o professor dispõe para cumprir seu cronograma de aulas. Portanto, o que propomos é que o professor realize aquele inverso que já comentamos anteriormente. Ou seja, dê o objeto literário primeiro a seus alunos. Deixe a teoria para um momento posterior.

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das

quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo [...] sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela literatura (TODOROV, 2009, p. 32-33).

Depois de realizada a leitura, é interessante deixar que eles expressem os sentidos encontrados no texto. Após essa primeira discussão, será possível perceber que a própria obra limitará as interpretações. Além disso, ela mesma encaminha para determinadas teorias de análise. O que é mais comum de se fazer nas escolas é utilizar as teorias como “fôrmas” em que se tenta “encaixar” todos os textos que lê. As teorias não são receitas. Elas existem para uma melhor compreensão da obra literária. Portanto não se deve falar de teorias melhores ou piores. O que existem são as mais adequadas para determinado texto. O texto encaminhará para “a teoria” ou “as teorias” mais adequadas à sua análise.

A orientação política dos grupos que optam por uma ou outra linha teórica, transformando-as em paradigmas fixos de interpretação de todo e qualquer objeto literário e que, na maioria das vezes, evitam deliberadamente o diálogo com outras linhas, tem consequências graves para o ensino da literatura em nível de graduação e pós-graduação (PAULA, 2009, p. 2).

Quando falamos de várias teorias para interpretar um mesmo objeto, queremos dizer que deve haver um diálogo entre teorias. Elas devem ser complementares e não dicotômicas. O texto “pedirá” as teorias para sua própria análise. Essa dialética

entre teorias é de grande importância e deve existir no sentido de contribuir umas com as outras e não haver “uma espécie de canibalização mútua entre as diferentes teorias literárias” (PAULA, 2009, p. 4).

O diálogo entre teorias é necessário para o engrandecimento dos significados de um texto.

[...] O diálogo não se constrói sobre o apagamento das diferenças, ao contrário, ele só é possível no reconhecimento destas. [...] Conhecer em profundidade a obra analisada e saber para quais leituras os elementos observados conduzem o crítico é saber delimitar as teorias a serem colocadas em contato na análise crítica e saber, igualmente, reconhecer os limites de determinada linha teórica para observar nessa aporia a abertura para o diálogo com outra linha (PAULA, 2009, p. 13).

Na disciplina de Literatura deveriam ser estudadas as próprias obras literárias e não somente os métodos de investigação ou análise da história da literatura:

Ora, essa mesma escolha se apresenta para a literatura; e a orientação atual desse ensino, tal como ela se reflete nos programas, vai toda no sentido do “estudo da disciplina” (como na física), ao passo que poderíamos ter preferido nos orientar para o “estudo do objeto” (como na história) [...] (TODOROV, 2009, p. 28).

Portanto, sabemos da importância dos estudos de teoria literária, pois eles contribuem para que a Literatura continue viva. Entretanto, devemos pensar na relevância desses estudos dentro das escolas. Será que é realmente necessário que os alunos só estudem a teoria? E a obra literária? Em que momento lerão?

[...] No ensino superior, é legítimo ensinar (também) as abordagens, os conceitos postos em prática e as técnicas. O ensino médio, que não se dirige aos especialistas em literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo; o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar aquela e não estes últimos [...] (TODOROV, 2009, p. 41).

Afinal, a escola não pretende formar especialistas em literatura. As teorias deveriam ser reservadas para serem estudadas com maior atenção somente nos cursos que formam profissionais de Literatura.

Nesse sentido, percebe-se que a literatura, como se apresenta para os jovens nas escolas, mais afasta do que atrai esses jovens que, na maioria das vezes, só realizam leituras objetivando notas ou porque as mesmas serão cobradas em vestibulares.

Em meio a essas discussões, é importante fazer essa reflexão para perceber até que ponto é relevante esse ensino da Literatura que deixa a leitura dos textos, o contato com o objeto literário para um segundo plano. Pensamos ser esse o momento de repensarmos qual o significado da existência dessa disciplina nas escolas. Será que ela existe somente porque ainda é cobrada nas provas de vestibular? Qual sua razão de existir?

Repensar esse ensino significa voltar a atenção aos próprios alunos e se perguntar por que existe tamanho desinteresse desses jovens e da sociedade perante essas aulas. As discussões sobre essas aulas se mostram ainda mais necessárias porque estamos inseridos em um momento que se vê pouca ou
**Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 11 – Número 23 –2015.
p.88-110.**

nenhuma utilidade dessa disciplina na vida dos estudantes. A Literatura corre o risco de desaparecer dos currículos escolares.

Portanto, será que é interessante continuar reproduzindo esse ensino preocupado com datas, escolas literárias, vida de autores? Ou mais interessante seria fazer leituras literárias nessas aulas e transformá-las em aulas de contação de histórias?

É um assunto polêmico, com vários pontos de vista. Os pesquisadores da área de teoria literária podem não achar relevante para seus campos de atuação o ensino de literatura ou a formação de leitores. Mas ainda assim fica a pergunta, se não existir mais leitores para todos esses livros analisados, a teoria literária também não entraria em crise?

Nesse sentido, os estudos teóricos também são imprescindíveis para que a Literatura permaneça viva. Assim, a teoria literária deveria sempre atuar com os olhos voltados àquele leitor, desde o que se inicia nas aventuras literárias até àquele leitor maduro, crítico e reflexivo. Deveriam andar juntas e não “cada um na sua”: a teoria literária intocável, inatingível nas universidades e os estudantes que não veem nada de interessante em suas aulas e nos livros que devem ler.

Portanto, deveria haver um diálogo entre estudiosos preocupados com a formação de leitores e entre teóricos e críticos literários no sentido de um contribuir com o outro, e não para mostrar qual é mais relevante ou necessário.

Quando se pensa no jovem em sua escola, que não se interessa pelas aulas e pela leitura, devemos pensar que o que atrairá um jovem para se iniciar nos livros não será, em primeiro lugar, em sua leitura de contemplação (que normalmente é nessa que os jovens decidem se continuam a ler ou não), a literariedade de um texto, ou a estrutura, ou saber a vida do autor, ou tentar conhecer a época em que foi escrito. O que vai fazer esse aluno permanecer na leitura será as sensações que a mesma causará. Apesar de muitas críticas da teoria literária afirmarem que a obra deve ser autossuficiente, existir por ela mesma, que se deve ler sem tentar procurar relação com o mundo, ou identificação com a vida real, sabemos que é impossível proceder como algumas teorias intentam, e só nos apaixonamos por um livro quando ele nos fala à nossa vida, quando nos identificamos ou até mesmo quando encontramos situações que não tem nada a ver com nossa vida real e por isso mesmo elas nos tocam, porque nos mostram que existe o “outro”. A paixão pela leitura só surgirá a partir disso, de livros que nos fazem chorar, rir, refletir...

Outros aspectos da obra literária, como sua literariedade, devem ser reservados para os estudos dos profissionais da literatura, pois essas particularidades da obra só serão percebidas após um contato maior com os livros, um amadurecimento maior do leitor. Não é isso que os conquista à primeira vista. E os jovens só chegarão a se tornar leitores maduros e assíduos se

permanecerem lendo durante a sua vida. Para isso, é necessária a paixão inicial pelos livros. Um leitor só é formado a partir do momento que “ama” alguma leitura em sua vida, que faz algum sentido para sua própria existência. Então esse primeiro “contato de amor” com a literatura é de extrema importância, pois se não houver mais esses “contatos de paixão” pelos livros, também não teremos mais estudiosos da literatura.

Isso é importante até mesmo nas escolhas dos livros a trabalhar em sala de aula. A escola, na maioria das vezes, só dá importância às obras da tradição literária porque essas foram consideradas as “melhores” pelas instâncias de legitimação, como as universidades, as revistas especializadas, etc.

[...] Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano (TODOROV, 2009, p. 92).

Entretanto, se essas obras não fizerem algum sentido na vida do leitor, não o conquistará e dificilmente ele se tornará um leitor crítico que durante sua vida terá maior maturidade para escolher as suas “melhores” leituras.

Para amar um livro e a leitura é necessário que aquela obra “toque” o leitor em algum momento, para isso ocorrer, a leitura deve fazer relação com sua vida. O leitor só passará a se apaixonar pelos livros a partir do momento que isso lhe suscitar

emoções, ou seja, uma leitura sem sentido, somente para realização de provas não forma leitores.

[...] O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV, 2009, p. 77).

Silva (1998) também ressalta que se a leitura feita pelo aluno não tiver relação com seu contexto de vida e se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão maior da realidade do leitor, o texto perde seu sentido e não desperta o interesse para essa atividade. É “na leitura e na escritura do texto que encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (COSSON, 2006, p. 17). A leitura que não leva em conta a realidade dos alunos é muito comum de ser feita na escola, por isso, não se vê prazer e os educandos só leem objetivando uma nota e aprovação na disciplina.

O prazer que a leitura proporciona pode ser comparado à comida, comparação brilhantemente feita por Rubem Alves, quando escreve que fazer uma leitura por obrigação é como “[...] comer à força aquela terrível refeição de jiló cozido e nabo cru” (2004, p. 50). Mais interessante ainda é sua comparação dos professores com cozinheiros e dietistas. Os dietistas são aqueles que elaboram cardápios, de maneira científica, com o intuito somente de alimentar, medem as vitaminas, carboidratos e

colesterol dos pratos. Mas é uma comida que, geralmente não é saborosa, não proporciona prazer ao degustá-la. Diferentes dos dietistas, os cozinheiros não estão muito interessados em alimentar, não ficam preocupados com o colesterol da comida, vitaminas, seu objetivo maior é produzir prazer e felicidade: “A comida que sai das mãos do dietista é uma coisa de necessidade. A comida que sai das mãos do cozinheiro é uma coisa de amor”. (ALVES, 2004. p. 51-52).

No entanto, a refeição ideal deveria ser preparada a partir da troca de ideias dos dietistas, (que podemos trocar aqui pelos teóricos) com os cozinheiros (bem substituídos pelos professores que se preocupam em conquistar os jovens para a leitura). Seria uma refeição simultaneamente saborosa e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos negar que o ensino da literatura é um tema polêmico, pois envolve as políticas públicas, a formação de leitores, a formação dos professores, etc. Enfim é um assunto amplo, que não está desgastado como muitos acreditam. Entretanto não existe um consenso de como seria a melhor forma de abordagem da literatura. Não existir um consenso não é um aspecto negativo, pois nesse consenso poderiam surgir regras e receitas para se empregar em toda e qualquer situação. E o professor sabe, melhor do que ninguém, que se há um lugar que não é possível trabalhar sempre da mesma forma é a sala de aula.

O professor lida com turmas heterogêneas e cabe a ele perceber qual a melhor forma de conquistá-los.

Assim, esse artigo tentou mostrar a importância dos vários pontos de vista em torno da Literatura, dialogar, contribuir um com o outro para que, conseqüentemente, contribuam para a sociedade. Somos defensores de uma Universidade “universal” como sugere o próprio nome. Produzir, pesquisar, analisar, estudar com vistas à sociedade que a rodeia, com vistas a alguma mudança, ao menos no ambiente em que está inserida. Podemos ser chamados de ingênuos e utópicos, mas antes das realizações ocorrem os sonhos. Nesse sentido, não vemos relevância em pesquisas e estudos que não são acessíveis à sociedade.

Portanto, acreditamos, que se todos os estudos e as pesquisas realizadas no campo universitário não podem ser acessíveis para a sociedade em que vivemos, se tudo o que é escrito e publicado não atinge os lugares dos quais se fala, pensamos que, para os pesquisadores “enclausurados” na universidade, há uma alternativa melhor: se calar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência*. São Paulo: Loyola, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. MOURÃO e SANTIAGO, Cleonice Paes Barreto e Consuelo Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa: CalousteGulbenkian, 1979.

JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PAULA, Adna Candido de. *Uma Investigação Epistemológica dos Processos Hermenêuticos das Teorias Literárias*. In. Congresso da ARIC XII, 2009. Florianópolis (SC, Brasil). P. 1-14

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 83-106.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. MEIRA, Caio. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina (org). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.